

A INFOGRAFIA COMO RECURSO PEDAGÓGICO NO ENSINO DE ACESSIBILIDADE EM AMBIENTES CULTURAIS

Área Temática: Cultura

V. STRACK

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

E. CARDOSO¹; J. CUTY²; V. STRACK³;

¹ Professor dos Cursos de Design Visual e Design de Produto UFRGS

² Professora do Curso de Museologia UFRGS

³ Acadêmico do Curso de Design Visual UFRGS, Bolsista PROEXT

Resumo

O presente trabalho apresenta os resultados obtidos na transposição de informações textuais e normativas em infográficos aplicados ao ensino de acessibilidade em ambientes culturais. Estes infográficos podem ser utilizados tanto para aplicação didática no ensino dos cursos de graduação em design, arquitetura e museologia, quanto para difusão cultural e capacitação de profissionais, técnicos e gestores, de ambientes culturais. O referido material é desenvolvido pelos alunos e professores do Núcleo de Design Gráfico Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Palavras-chave: infografia, acessibilidade, ensino

Introdução

As mudanças sociais baseadas na vertiginosa evolução tecnológica de nosso tempo têm tornado cada vez mais obsoletos os métodos de ensino. O uso de recursos audiovisuais, mais que uma forma de enriquecer o material didático, é parte imprescindível da comunicação direcionada a uma geração cuja atenção em determinado tema permanece por poucos instantes e cujo tempo disponível para o entendimento deste, é cada vez menor face à enorme carga de informações oferecidas. É neste aspecto que a infografia traz contribuições, no que se refere à preparação de informações objetivas e organizadas de forma sintetizada e como meio atrativo de comunicação, visando despertar no público-alvo o interesse no aprofundamento do tema apresentado.

É a partir da percepção, que o homem recebe os sinais, decodifica os signos e sustenta suas ações. Dondis (1997) afirma que, não é difícil detectar na conduta humana, uma propensão à informação visual e esta busca pelo apoio visual com relação ao conhecimento ocorre por diversas razões, principalmente pelo caráter direto da informação e sua proximidade com a experiência real. Neste contexto, a ergonomia informacional surge do intuito de, fazendo uso dos princípios da Teoria da Informação, enviar a informação correta para a pessoa certa no momento exato, de forma eficaz e eficiente. Dessa maneira, satisfaz o usuário respeitando sempre a sua diversidade em termos de habilidades e limitações. Para alcançar o seu objetivo, a ergonomia informacional

contempla a cognição e a percepção, além de abranger aspectos da linguagem verbal e iconográfica e o estudo dos canais de comunicação do ser humano (MARTINS e MORAES, 2002).

Frascara (2004) abordando a relação entre design, cultura e sociedade, e coloca o surgimento de novas tecnologias que tendem a modificar tanto a forma de atuação quanto a linguagem do design. O autor chama atenção para o fato de que o problema central do design é criar mensagens visuais para informação, educação, administração e persuasão. Assim, o desafio do designer é afetar o conhecimento, as atitudes e o comportamento das pessoas.

Infográficos podem ser definidos, de acordo com Fetter e Scherer (2010), como quadros informativos que usam simultaneamente texto e elementos visuais (fotos, gráficos, mapas ou ilustrações) para transmitir uma informação. Ainda segundo os autores, os infográficos são considerados atraentes, pois facilitam e agilizam a compreensão da informação oferecendo uma noção mais rápida e clara dos sujeitos, do tempo e do espaço, sendo particularmente útil ao apresentar uma grande quantidade de informação destinada à apreensão imediata.

No infográfico, a informação e a comunicação acontecem simultaneamente. A discussão sobre as fronteiras dessas duas áreas de conhecimento tem aqui um exemplo perfeito da simbiose.

Frascara (2004) ressalta a necessidade de se definir as funções da tipografia e da imagem no objeto em desenvolvimento e estabelecer como essas duas formas de apresentação estarão relacionadas. O autor chama a atenção para que cada elemento gráfico/informacional seja considerado em sua totalidade, ou seja, em seus aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos.

Porém, a informação gráfica tem seus limites, como qualquer outra. Fora os limites naturais da mera informação, a principal delas é que a mensagem da qual dispomos possa ser transferida através da linguagem visual. A transferência visual é a capacidade que uma informação tem de ser comunicada de forma exclusivamente literária, mas que também poderá ser apresentada, total ou parcialmente, de forma gráfica, desenhada para evidenciar seu conteúdo e facilitar sua comunicação.

No desenvolvimento do projeto de extensão “Acessibilidade em Ambientes Culturais” mostrou-se necessário o desenvolvimento de material gráfico complementar e ilustrativo para o auxílio na discussão e ensino de conteúdos como legislação e referencial técnico e teórico. Este material foi proposto em forma de infográficos e pretende servir de ferramenta ao ensino e prática de projeto em ambientes culturais. A partir deste, outros materiais pertinentes foram selecionados e transpostos ao formato de infográficos.

Assim, o propósito deste trabalho é oferecer aporte teórico e prático através de uma linguagem mais atrativa e acessível que forneça base para crítica e desenvolvimento de projetos de sistemas de informação e comunicação, amparados por metodologia e

repertório técnico, formal e funcional sobre o assunto, enfatizando a prática e as responsabilidades do profissional da área.

Material e Metodologia

Conforme Baer (2009), projetos de design da informação exigem cuidadosa reflexão e planejamento, apresentando-se como um processo que vai além do nível intuitivo. Ainda segundo o autor, uma abordagem séria do design de informação pode fazer toda a diferença no sucesso de um projeto. No que diz respeito ao método empregado para a realização dos infográficos apresentados neste trabalho, estabeleceu-se os seguintes passos:

1. Seleção das informações que seriam utilizadas nos infográficos;
2. Avaliação da possibilidade da transformação das informações coletadas em infográficos;
3. Testes de composição, leitura e compreensão;
4. Validação;
5. Refinamento e finalização.

Na seleção das informações, a partir da revisão bibliográfica e legislação existente sobre o tema, iniciou-se o desenvolvimento da estruturação dos infográficos com objetivo de criar um guia de boas práticas em design de sinalização para contribuição metodológica no desenvolvimento de projeto. Para tanto, foram selecionadas normas técnicas e bibliografias relevantes, específicas ou não, em cada uma das temáticas abordadas: informação e sinalização, campo visual, legibilidade, composição visual, tipografia, pictogramas, cor e acessibilidade.

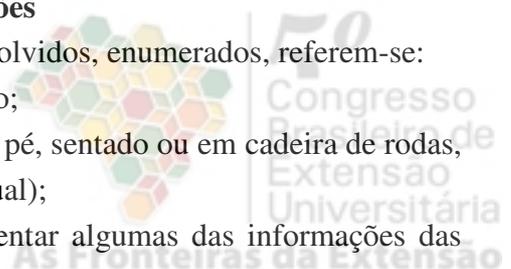
Na avaliação da possibilidade da transformação das informações coletadas, leva-se em consideração a apreciação da tipografia utilizada, legibilidade, leiturabilidade, compreensão, máxima redução, entre outros aspectos.

Nos testes de composição avaliou-se a estruturação, seqüência e desencadeamento lógico das informações apresentadas. Buscou-se desta forma tornar a informação mais atrativa, porém com o cuidado de não possibilitar a interpretação incorreta. Estas avaliações foram realizadas com acadêmicos dos cursos de design visual e design de produto, professores e profissionais da área através da apreciação do material impresso. Após o fechamento das avaliações, faz-se ainda o refinamento e finalização dos infográficos de acordo com os apontamentos obtidos.

Resultados e Discussões

Os Infográficos que foram e estão sendo desenvolvidos, enumerados, referem-se:

1. História da transmissão da informação em sinalização;
2. Campo visual (Figura 1), relacionando o usuário, em pé, sentado ou em cadeira de rodas, à porção de espaço que o olho é capaz de ver (cone visual);
3. Legibilidade/cor, com o objetivo sintetizar e apresentar algumas das informações das normas NBR 9050:2004 - NBR 15599:2008;



4. Legibilidade/tipografia;
5. Famílias Tipográficas;
6. Tipos de sinalização;
7. Cor/Percepção;
8. Cor/Contraste;
9. Cor/Legibilidade;
10. Teoria da Cor;
11. Composição Visual;
12. Composição Visual II, com mais informações e exemplos sobre hierarquia, forma e função;
13. Acessibilidade em Comunicação: contemplando os diferentes recursos para comunicar de acordo com o estímulo sensorial utilizado (desdobrado em 6 infográficos);
14. Acessibilidade em Comunicação: públicos-alvo;
15. Caracterização das deficiências sensoriais;

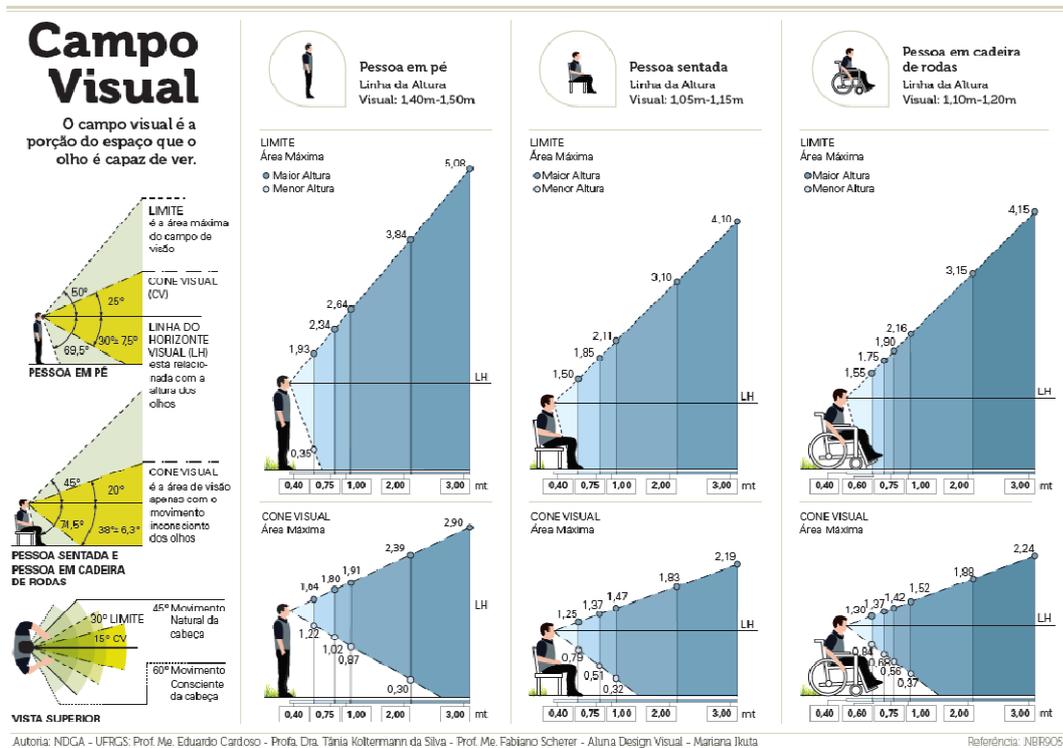


Figura 1: Infográfico 2 - Campo Visual.

Estes infográficos, além de ser produto do projeto de extensão citado, também é objeto de pesquisa e estão servindo como material de apoio nas disciplinas de Projeto Integrado I, cuja temática trata do projeto de sinalização, e Projeto Integrado II - design de exposições, que congregam os cursos de Design de Produto e Design Visual da UFRGS.

Os infográficos foram apresentados aos alunos tanto em aulas teóricas quanto em aulas práticas das disciplinas, revelando-se uma excelente contribuição. Assim como também serão empregados em ações de capacitação e em publicação sobre o referido tema.

A assimilação das informações e a construção do conhecimento no que se refere à área de design gráfico ambiental da qual fazem parte a sinalização e o design de exposições, foi percebida através dos resultados obtidos. O emprego de infográficos, onde a informação e a comunicação acontecem simultaneamente, corroboram com o objetivo inicial deste trabalho.

Conclusão

Uma maior e melhor divulgação do trabalho desenvolvido, notadamente dos aspectos relativos ao conteúdo informacional e a organização e representação da informação foi possibilitada pelos presentes infográficos. Nota-se nesta área, uma carência de informação tanto no que diz respeito a publicações (acadêmicas ou não), quanto na maneira como estas informações são disponibilizadas (normalmente através de textos técnicos). Salienta-se também que muitas vezes estas informações estão dispersas pelos diversos campos – design, arquitetura, urbanismo, ergonomia, entre outros, que compõe a área de design gráfico ambiental. E, ao apresentar o design de exposições e a acessibilidade em ambientes culturais como objeto de estudo em diferentes campos há a intenção de despertar a sua importância, contribuindo na boa utilização, não só do ambiente, como também das ferramentas e equipamentos disponíveis aos seus usuários. Este trabalho, então, contribui facilitando a compreensão e apreensão da informação por oferecer uma noção mais rápida e clara da mesma.

Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS – ABNT. NBR 9050: Acessibilidade de pessoas portadoras de deficiências a edificações, espaço, mobiliário e equipamentos urbanos. Rio de Janeiro: ABNT, 2004.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS – ABNT. NBR 15599: Acessibilidade - Comunicação na prestação de serviços. Rio de Janeiro: ABNT, 2008.

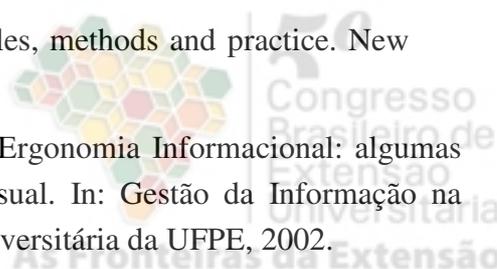
BAER, Kim. Information Design Workbook. Beverly: Rockport, 2009.

DONDIS, Donis A. Sintaxe da Linguagem Visual. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FETTER, Luiz Carlos; SCHERER, Fabiano de Vargas. Infografia: o design visual da informação. Anais do 9º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design, São Paulo, 2010.

FRASCARA, Jorge. Communication Design - principles, methods and practice. New York: Allworth Press, 2004.

MARTINS, Laura Bezerra; MORAES, Anamaria de. Ergonomia Informacional: algumas considerações sobre o sistema humano-mensagem visual. In: Gestão da Informação na Competitividade das Organizações. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2002.



ARTESANATO E TURISMO: UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO ASSOCIADA AO TURISMO PARA O FORTALECIMENTO DO TURISMO COMUNITÁRIO NO MUNICÍPIO DE SERITINGA - MG

Área temática: Cultura

MLZP

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

M.L.Z.P.¹

T.G.S.C.²

L.B.V.³

N.P.P.⁴

Resumo

O presente artigo busca apresentar dados parciais, no que tange aos trabalhos feitos com os artesãos no Projeto de Extensão “Turismo Comunitário em Seritinga – MG”. Propomos uma produção associada ao turismo (PAT) para o fortalecimento da atividade no município. Dessa forma, será apresentada uma pequena revisão bibliográfica para esclarecer conceitos que norteiam essa temática, e em seguida o estudo de caso do município trazendo a Exposição e Feira de Artesanato que foi desenvolvida. Após percorremos toda essa metodologia, serão apontadas algumas questões como, por exemplo, os resultados dessas ações.

Palavra Chave: Turismo Comunitário; Artesanato; Produção Associada ao Turismo (PAT).

Introdução

Ao se inserir em um projeto de extensão universitária, o aluno tem a oportunidade de vivenciar e presenciar situações que, talvez, não poderiam ser observadas ao longo da graduação. Dessa forma, podemos dizer que cada projeto de extensão têm suas peculiaridades. Analisaremos neste artigo, o Projeto de Extensão “Turismo Comunitário em Seritinga – MG” do departamento de turismo da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). O município se localiza no sul de Minas Gerais aproximadamente 387 km da capital mineira e segundo dados do IBGE atualmente tem uma população de 1.789 habitantes.

O projeto tem como temática o planejamento comunitário que é definido pelo Fundo Mundial da Natureza (WWF-Brasil) e utilizado pela Associação dos Moradores do Maruja (AMOAR) como

Turismo comunitário ou de base comunitária pode ser definido como aquele onde as sociedades locais possuem controle efetivo sobre seu desenvolvimento e gestão. E por meio do envolvimento participativo desde o início, qualquer ação voltada ao turismo deve proporcionar a maior parte de seus benefícios para as comunidades locais (WWF-Brasil apud AMOMAR 2011).

Dessa maneira elaboramos algumas ações habituais de um processo de planejamento e outras buscando atingir as premissas do Turismo Comunitário, tentando

¹Maria Luiza Zacarão Peregrino (malu_zp_@hotmail.com)

²Thomas Gomes Sant’Ana de Castro (thothogomes@gmail.com)

³Luciana Bittencourt Villela (lucianabittencourt_ufjf@yahoo.com.br)

⁴Natália de Paula Pironi (natlaiappironi@hotmail.com)

dessa forma, estabelecer sempre uma conexão entre as ações do projeto e a comunidade local. Tivemos então a oportunidade de perceber, sobretudo, pelos relatos dos moradores, que uma boa parcela da população fazia trabalhos artesanais, observamos então a primeira potencialidade do município.

Inicialmente tivemos contato com cerca de 15 (quinze) artesãos, que produziam peças diversificadas que iam desde os artesanatos mais tradicionais como por exemplo, crochê, até artesanatos mais diferenciados como por exemplo toalhas de renda libanesa.

Desta forma, podemos pensar que as manifestações encontradas no município são também elementos que configuram a possibilidade de existência do Turismo Cultural, visto que o conceito de turismo cultural apresentado por Moletta (1998) vai ao encontro das propostas apresentadas até então.

Turismo cultural é o acesso a esse patrimônio cultural, ou seja, à história, à cultura e ao modo de viver de uma comunidade. Sendo assim, o turismo cultural não busca somente lazer, repouso e boa vida. Caracteriza-se, também, pela motivação do turista em conhecer regiões onde o seu alicerce está baseado na história de um determinado povo, nas suas tradições e nas suas manifestações culturais, históricas e religiosas (MOLETTA, 1998, 9-10 apud BATISTA, 2005, p.30-31).

Percebendo esse potencial latente na cidade, algumas ações do projeto começaram a ser direcionadas para essa área. São exatamente essas ações que envolvem o artesanato local do município de Seritinga que serão abordadas nesse trabalho. Em especial a Exposição de Artesanato do Município de Seritinga, realizada nos dias 23, 24, 25 e 26 de junho de 2010 e a I Feira de Artesanato, realizada nos dias 23, 24 e 25 de junho de 2011. Esta data foi escolhida, pois no feriado de São João Batista, que é padroeiro da cidade, ocorre um evento festivo que possui boa captação de turistas.

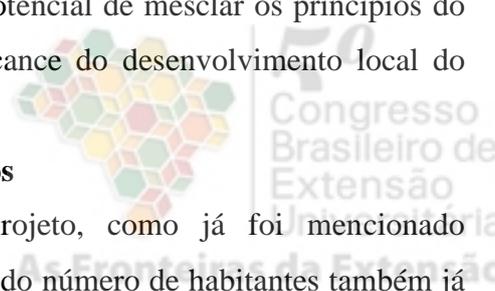
Podemos assim, associar as ações e objetivos do projeto ao conceito que emerge a pouco na sociedade de Produção Associada ao Turismo (PAT) definido pelo Ministério do Turismo (MTur) como

É qualquer produção artesanal, industrial ou agropecuária que detenha atributos naturais e/ou culturais de uma determinada localidade ou região capazes de agregar valor ao produtos turístico. (MTur, 2011).

Assim sendo, observamos no artesanato, um potencial de mesclar os princípios do Turismo Comunitário, podendo assim auxiliar no alcance do desenvolvimento local do município de Seritinga.

Materiais e métodos

O campo de estudo e aplicações desse projeto, como já foi mencionado anteriormente é o município de Seritinga (MG). Além do número de habitantes também já



citado no trabalho, outras questões caracterizam o município, por exemplo, aproximadamente 400 habitantes vivendo hoje, na zona rural da cidade.

Além disso, questões como, política e religião são elementos de importância e relevância, sobretudo por se tratar de um município pequeno, onde ainda, esses elementos representam poder. Vale ressaltar ainda que a população tenha uma faixa etária elevada, fator esse que pode ser facilmente observado nas visitas ao município, com um comportamento conservador.

Dessa forma, para nos aproximar e conquistar a confiança da população foram necessárias algumas visitas ao município. Elaboramos uma pesquisa para o inventário que nos possibilitou ter um contato maior com a população, foi feita uma reunião pública para apresentação do projeto a população, além das conversas informais que tivemos oportunidade de ter em todas as visitas feitas a cidade.

Passadas essas etapas, e detectado o artesanato como potencialidade começamos a trabalhar para a Exposição de Artesanato de Seritinga (MG). No primeiro momento, os trabalhos se iniciaram, ainda no município de Juiz de Fora juntamente com as visitas ao município, onde parte da equipe se deslocava e parte ficava no suporte.

Agendamos então uma visita para os dias 14 e 15 de junho de 2010 para definir questões práticas como: onde seria a exposição, quais artesãos tinham peças para expor, entre outros fatores burocráticos. Definiu-se então que a Exposição ocorreria no saguão da Estação Ferroviária da cidade, na área central, próximo a área movimentada do evento “Festa de São João Batista”.

Acertadas as questões burocráticas, o retorno se deu já para a montagem da Feira no dia 23 de junho de 2010. A exposição era montada e desmontada todos os dias do evento, visto que, o local que foi cedido pela prefeitura municipal era um espaço aberto e sem segurança, o que obrigava que todos os produtos fossem guardados em uma sala ao lado.

Para essa exposição elaboramos um vídeo que ficava sendo transmitido constantemente aos visitantes. Nesse vídeo eram apresentados outros artesanatos e também, algumas questões do município, como por exemplo, suas áreas naturais. De certa forma para vincular com a questão da cultura e identidade, relacionando aquele espaço e aqueles produtos às identidades territoriais.

Todavia ao final, sentimos que faltava algo para que a exposição tivesse um retorno melhor, foi aí que surgiu a idéia de ao invés de apenas expor os produtos locais, também

comercializá-los. Dessa forma, além de ressaltarmos as questões culturais, poderíamos trabalhar também com as questões do PAT.

Para a elaboração da feira, os mesmo processos burocráticos foram feitos, geramos cadastros para as peças que seriam expostas, entramos em contato com as autoridades, fizemos uma primeira visita para conversar com os artesãos e recolher algumas peças que seriam expostas.

Todavia, o espaço que foi concedido para que nós montássemos a feira foi outro, desta vez, um local seguro e fechado onde a feira poderia se manter montada durante os 3 (três) dias: 23, 24 e 25 de junho de 2011. Entretanto, o espaço tinha pouca visibilidade e o acesso não era tão direto como o anterior.

Resultados e discussões

Podemos observar que os eventos tiveram alguns pontos em comum. Desta forma, acreditamos ser melhor analisar as questões que envolvem os dois eventos sob a perspectiva da análise SWOT (pontos fortes, pontos fracos, oportunidades e ameaças) de ambos.

Inicialmente montaremos uma análise SWOT para a Exposição de Artesanato realizada no ano de 2010 e posteriormente para a Feira de Artesanato realizada no ano de 2011.

Pontos Fortes -Variedade de peças. -Peças diferenciadas dos artesanatos de outras regiões.	Pontos Fracos -Não comercialização. -Localização da Exposição.
Oportunidades -Grande número de turistas em virtude da festa.	Ameaças -Turistas e nativos interessados em manter outros gastos no evento.

Tabela 01: Análise SWOT da Exposição realizada no ano de 2010.

Pontos Fortes -Comercialização das peças. -Variedade de peças. -Lucro para os produtores.	Pontos Fracos -Localização. -Baixa visitação.
Oportunidade -Grande número de turistas em virtude da festa. -Divulgação por parte dos compradores das peças.	Ameaças -Turistas e nativos interessados em manter outros gastos no evento.

Figura 02: Análise SWOT da Feira de Artesanato no ano de 2011.

Assim sendo, podemos entender a Feira de Artesanato como uma evolução natural, em virtude de um sentimento de necessidade, da Exposição de Artesanato, e podemos

considerá-la como bem sucedida, visto que, de todos os expositores da feira apenas um deles não teve nenhum de seus produtos comercializados. Com esses dados, podemos novamente apontar como a relação do PAT contribui para o fortalecimento do turismo comunitário.

Conclusão

Podemos assim dizer, que a proposta era não desvincular as questões culturais e de identidades do processo produtivo. Entendemos que tivemos algumas dificuldades físico-espaciais para que se realizasse de forma eficiente a exposição e a Feira. Sobretudo, por estarmos inseridos num contexto de dependência ao poder público local, podendo apenas realizar os eventos nos locais pré-determinados pela Prefeitura.

Por outro lado, tivemos uma recepção positiva por parte dos artesãos que viabilizaram a elaboração dos dois eventos, trabalhando sempre com a questão das expectativas, tentando apontar quais seriam os processos e etapas pelas quais iríamos passar, para que não se gerasse uma expectativa que não poderia ser atingida no processo.

Nesse momento o indivíduo que atua em um projeto de extensão tem que trabalhar com suas próprias expectativas, possui olhar crítico e realista sobre as potencialidades reais, visto que o envolvimento com a comunidade em questão é inevitável.

Deixamos apontados aqui, que existe uma linha de etapas para os trabalhos realizados com os artesãos. A próxima etapa será a elaboração de uma Feira de produtos artesanais de Seritinga, na cidade de Juiz de Fora, porque visualizamos um maior potencial de consumidores das peças expostas em ambos os eventos realizados.

Referencial Bibliográfico

- AMOMAR, **Associação de Moradores do Marujá**. Disponível em: <http://maruja.org.br/turismodebase.htm>. Acessado em 27 de junho de 2011.
- BATISTA, Cláudio Magalhães. **Memória e identidade: Aspectos relevantes para o turismo cultural**. Caderno virtual de turismo. Volume 5. 2005. Disponível em: <http://www.google.com.br/url?sa=t&source=web&cd=1&ved=0CBsQFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.ivt.coppe.ufrj.br%2Fcaderno%2Fojs%2Finclude%2Fgetdoc.php%3Fid%3D929%26article%3D96%26mode%3Dpdf&ei=8b2ITc7-Bq230QGvm8joCA&usq=AFQjCNG8Jl26pCP0e0Bs3RtRHqrz0msEhg>. Acessado em 27 de junho de 2011.
- IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=316640>. Acessado em 27 de junho de 2011.
- MTur. **Ministério do Turismo**. Disponível em: http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Atuaxo_do_MTur_na_Produto_Associada_ao_Turismo_09.12.10.pdf. Acessado em 27 de junho de 2011.

AS PRÁTICAS ARTESANAIS DO MUNICÍPIO DE SERITINGA COMO INSTRUMENTO DE PROMOÇÃO DO TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA

Área Temática: Cultura

Responsável pelo trabalho: Castro, Thomas Gomes Sant`Ana

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

Castro, Thomas Gomes Sant`Ana¹; Peregrino, Maria Luiza Zacarão²; Carvalho, Bruno dos Santos³; Machado, Ane Caroline Lopes⁴.

Resumo

Este estudo é decorrente das experiências do Projeto de Extensão Turismo Comunitário em Seritinga – MG realizado pelo Departamento de Turismo da Universidade Federal de Juiz de Fora. Ao longo das atividades iniciais de diagnóstico do município, foi detectada uma relevante manifestação cultural a partir do artesanato. Este se caracteriza pela diferenciação do seu acabamento, riqueza de detalhes e inovação nas matérias-primas utilizadas na produção. Neste sentido, como ações voltadas ao fortalecimento dessas práticas artesanais, como também do resgate da cultura local, foi iniciado um levantamento dos artesãos para o desenvolvimento de ações específicas. A partir deste momento, ficou evidente que o artesanato seria peça chave para o desenvolvimento do projeto de extensão mencionado. A metodologia para este conjunto de ações foi pautada em pesquisas com questionários aplicados na zona urbana e rural do município e sensibilização dos autóctones. Em decorrência do sucesso da exposição de artesanato e o grande envolvimento da comunidade, da vivência no município, das ricas e diversas percepções dos extensionistas, bem como a resposta positiva das ações gerais do projeto, buscamos apoio no Programa de Extensão Universitária 2011. A proposta foi aprovada e contemplada com recursos, e tem como principal objetivo o fomento às práticas artesanais de Seritinga por meio de uma organização associativa que viabilize a expansão da produção e comercialização dos produtos locais, promovendo assim, geração de emprego e renda e conseqüente melhoria no desenvolvimento socioeconômico individual e coletivo, e ainda o resgate e fortalecimento social e cultural do município.

Palavras-chave: Turismo de Base Comunitária; Produção Artesanal, Seritinga - MG.

Introdução

O projeto “Turismo Comunitário em Seritinga - MG” foi iniciado com o interesse em contribuir para o desenvolvimento do turismo de base local do município, considerando seus limites e possibilidades sociais, culturais, econômicas e ambientais, visando o fortalecimento do desenvolvimento local sustentável. Para isso, foi feito um diagnóstico de

¹ Graduando do Curso de Turismo da UFJF e bolsista do Projeto de Extensão Turismo Comunitário em Seritinga - thothogomes@gmail.com

² Graduanda do Curso de Turismo da UFJF e bolsista do Projeto de Extensão Turismo Comunitário em Seritinga – malu_zp_@hotmail.com

³ Graduando do Curso de Turismo da UFJF e bolsista do Projeto de Extensão Turismo Comunitário em Seritinga – carvalho.bsc@gmail.com

⁴ Graduanda do Curso de Turismo da UFJF e bolsista do Projeto de Extensão Turismo Comunitário em Seritinga – aneclopes@hotmail.com



Seritinga, sendo o artesanato local identificado como possível alavanca para o desenvolvimento de ações mais estruturadas. Desde então, as ações se estreitaram e foram estruturadas de forma a incentivar as práticas artesanais locais, viabilizando o fomento do turismo de base comunitária no município. Neste momento entre o limiar do planejamento turístico visto em sala de aula e a atividade de extensão, se vê como a gestão compartilhada nesse processo é um grande diferencial. E ainda, a relação entre o turismo de base comunitária, o artesanato local e o desenvolvimento social, econômico e cultural de uma localidade possuem relação intrínseca.

Voltar o desenvolvimento para a escala humana e o turismo para benefício local significa adotar políticas que possam ocasionar trabalho e ocupação para todos, tanto quanto atuar no campo da proteção social, e de programas emergenciais quando necessários; mas requer, sobretudo, o ser humano no centro do poder, de forma que possa promover a sua realização (CORIOLANO, 2003, p. 30).

Apresentaremos posteriormente, mais detalhadamente como se deram as atividades relacionadas ao artesanato do município e apresentaremos alguns resultados parciais e ainda a visão futura das próximas ações do projeto de extensão tratado neste artigo.

Material e Metodologia

O local de estudos e ações do Projeto de Extensão acima mencionado é o município de Seritinga – Minas Gerais. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, é um município com 1789 habitantes, 115 km² e sua origem data em 1908, em decorrência da atividade ferroviária na região. Os recursos utilizados neste projeto são variados, porém escassos. Há uma parceria firmada entre a Instituição de Ensino Superior em que é vinculada a ação de extensão e a Prefeitura Municipal, extremamente incipiente devido ao seu orçamento reduzido. Atualmente, já se ultrapassam três semestres de atuação em campo da equipe dos graduandos em Turismo envolvidos com a extensão.

Uma das primeiras ações do projeto foi uma reunião de sensibilização da comunidade, com o objetivo de dar início à participação no processo de planejamento do turismo proposto para Seritinga. Neste processo participativo, o diálogo permite que os sujeitos se encontrem para transformação da realidade, colaborando uns com os outros.

O material utilizado no diagnóstico geral e no levantamento dos artesãos do município foi elaborado em gabinete pela equipe do projeto, sendo a pesquisa de campo realizada, abrangendo as zonas urbana e rural do município, elaborada por meio de duzentos questionários (domiciliares) com enfoques diferenciados. O artesanato foi detectado como traço marcante da tradição daquele município, sendo o mesmo, veículo da

expressão fiel de um povo com valores culturais de extrema riqueza, porém, em desuso, descaso e marginalização.

Com o passar do tempo, as práticas artesanais foram estigmatizadas, dando lugar aos produtos industrializados e sem valor agregado. Porém, em contrapartida a esta idéia, observa-se que o artesanato é uma forma de expressão de quem o produz, pela qual a criatividade, cultura e personalidade se manifestam ali. Segundo Maria Sônia Madureira de Pinho⁵ (2005, p.169):

Por vocação, o produto artesanal deveria ser o legítimo representante e a memória material de uma comunidade, revelada através de traços, formas, funções e cores. Deveria ser o porta-voz das histórias e da cultura das comunidades produtoras, elaborado por mãos talentosas, mestres surpreendentes e grupos de aprendizes.

Essa identidade cultural que é exprimida no artesanato torna-se assim um grande patrimônio do município. Justificava essa, dada ao trato desta causa como relevância para o desenvolvimento do turismo de base comunitária. A idéia do turismo sendo direcionado pelas mãos dos moradores é algo surreal nesta prática da atividade turística. Essas ações, entretanto, devem ser construídas numa perspectiva coletiva que considere antes de tudo as particularidades de cada município, neste caso, as potencialidades indicadas pelas práticas artesanais, fato este que dialoga diretamente com as premissas do desenvolvimento local.

O resultado dessas ações focadas no artesanato culminou primeiramente em uma Exposição de Artesanato de Seritinga, em 2010. A exposição foi projetada com o intuito de promover e divulgar o artesanato local. Posteriormente a essas atividades de fortalecimento da comunidade, resgate da tradição do artesanato, foi realizada a I Mobilização de Cultura e Lazer, onde foram ministradas oficinas de capacitação, com enfoque também no artesanato, abarcando o tema da Produção Associada ao Turismo (PAT). Já neste ano, com o sucesso e demanda da população, a exposição de artesanato desenvolveu-se e gerou uma Feira de Artesanato, promovendo a comercialização dos produtos artesanais.

Como fruto e resultado parcial do histórico acima descrito em meados do primeiro semestre de 2011, foi elaborada uma proposta para o PROEXT intitulada “As Práticas Artesanais do município de Seritinga-MG como meio de inclusão produtiva através de organização associativa”, enquadrando-se na linha temática de “Redução das

⁵ In MURTA, Maris e ALBANO, Celina (org.). Interpretar o Patrimônio, BH: UFMG, 2002.

desigualdades sociais e combate à extrema pobreza”. No mês de junho deste ano, a proposta foi avaliada, julgada como aprovada e contemplada com recursos.

Resultados e Discussões

A presente proposta tem como objetivo geral subsidiar o processo de inclusão produtiva de famílias do município mineiro de Seritinga, tendo como base, a promoção das práticas artesanais por meio da criação de uma organização associativa que contribua para a geração de emprego e renda e conseqüentemente para o desenvolvimento local. O público-alvo são os produtores artesanais locais, especialmente aqueles que possuam critérios socioeconômicos que façam com que se enquadrem na faixa de extrema pobreza do município.

Para Buarque (2002), o desenvolvimento local sustentável resulta da interação e sinergia entre a qualidade de vida da população local, redução da pobreza, geração de riqueza e distribuição de ativos. Ainda para este autor, para ser consistente e sustentável, o desenvolvimento local deve elevar as oportunidades sociais e a viabilidade e competitividade da economia local. Dialogando com essa idéia, temos Pires (2004) que afirma que a relação entre organizações associativas e desenvolvimento local é um dado reconhecido por diferentes organismos internacionais para a geração e manutenção do emprego, de infra-estruturas e de atividades socioeconômicas diversas, contribuindo para a reestruturação das áreas afetadas, especialmente em áreas mais débeis.

Diante deste panorama, alguns objetivos específicos da proposta vão de encontro aos traços teóricos, como por exemplo, a sensibilização dos artesãos em relação às possibilidades e limites da organização associativa como geradora de emprego e renda; capacitação e qualificação destes produtores, planejamento junto com a comunidade para a criação e gestão de organizações associativas; identificação de estratégias de promoção, divulgação e promoção da produção artesanal, como também fomentar o processo de empoderamento dos atores sociais envolvidos no empreendimento econômico solidário, visando sua autonomia organizativa e autogestão.

Após o levantamento e sistematização de todos os dados, serão estruturadas ações focadas ao alcance da proposta geral na qual o artesanato se coloca. Dentre essas atividades serão realizados cursos de qualificação voltados para a melhoria e diversificação dos processos produtivos; Reaproveitamento e reciclagem; Formação em empreendedorismo cooperativo e planejamento e gestão enfatizando a importância da autogestão no empreendimento solidário; Oficinas sobre economia solidária. E ainda o

desenvolvimento de Planejamento Estratégico Participativo da Associação, e enfim a criação da mesma.

Considerações Finais

Os projetos de extensão universitária têm como objetivo oportunizar a inclusão do conhecimento técnico apresentado em sala de aula, instrumentalizando os grupos sociais envolvidos no processo. Logo, na questão do turismo de base comunitária a realidade da extensão universitária é vista em detalhes, pois é uma tendência do turismólogo ter grande envolvimento com a comunidade local em que a atividade turística se desenvolverá, ainda com maior grau de envolvimento, quando se trata de um turismo realizado de forma participativa.

Quando se descobre o caminho certo a se seguir num universo de possibilidades tão vasto que é apresentado no aprofundamento das atividades, é extremamente gratificante. Assim, há um forte aprendizado, gerando verdadeira satisfação no que tange ao trabalho sistematizado e contínuo da equipe de extensão. E ainda, quando se há um significativo resultado, como foi apresentada a proposta aprovada pelo PROEXT 2011, é ainda mais fortalecedor.

É preciso interpretar o fenômeno turístico com uma abordagem mais social e menos mercadológica, pois acima de tudo é um fenômeno complexo de relações sociais. No município de Seritinga não é diferente. É o nativo ensinando intensamente o extensionista, dia após dia a transcender os limites de sala de aula, e a enxergar um novo e concreto horizonte que o turismo pode apresentar à sociedade contemporânea.

Referências Bibliográficas

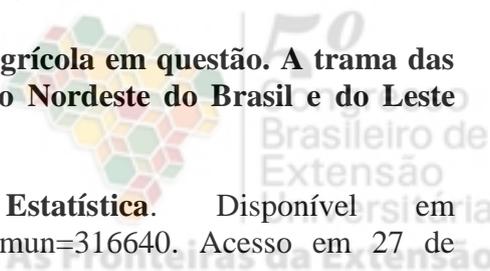
BUARQUE, Sérgio C. **Construindo o desenvolvimento local sustentável metodologia de planejamento**, Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2002.

CORIOLOANO, L. N. M. T.; LIMA, L. C. (orgs). **Turismo comunitário e responsabilidade socioambiental**, Fortaleza: FUNECE, 2003.

MURTA, Stela Maris; ALBANO, Celina (org.). **Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar**, Belo Horizonte: Ed. UFMG, Território Brasílis, 2002.

PIRES, Maria Luiza Lins e Silva. **O cooperativismo agrícola em questão. A trama das relações entre projeto e prática em cooperativas do Nordeste do Brasil e do Leste (Quebec) do Canadá**, Recife: Massangana, 2004.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=316640>. Acesso em 27 de Maio de 2011.



EXTENSÃO E PROMOÇÃO DA SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL: VALORIZANDO A CULTURA POPULAR E O PROTAGONISMO JUVENIL

Área temática: Cultura

Responsável pelo trabalho: Marina Neto Rafael

Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG)

Marina Neto Rafael¹; Talita Lemos Paulino¹; Ana Kelley de Rezende²; Anselmo Cássio Cesário³; Valéria Cristina Ribeiro Vieira⁴

¹ Graduanda do Curso de Nutrição da UNIFAL-MG, bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET)

² Servidora Técnico-Administrativo em Educação da UNIFAL-MG.

³ Ator e Diretor do Grupo Mundo: Teatro Itinerante, Prazer em Conhecê-lo.

⁴ Professora da Faculdade de Nutrição da UNIFAL-MG, Tutora do PET Nutrição; valnut@ibest.com.br

RESUMO

A recente conquista de uma Lei Federal criando o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) representa a culminância de um amplo movimento pela garantia do Direito Humano à Alimentação Adequada e coloca em evidência a necessidade dessa temática ser abordada no contexto da construção da cidadania. Nesse sentido, o Guisado (Grupo Universitário Interdisciplinar e Itinerante pela promoção da Segurança Alimentar e Nutricional em parceria com Adolescentes), ação de extensão da Universidade Federal de Alfenas, executou em 2009, o projeto “Cidadania no Papel: Segurança Alimentar e Nutricional em Cordel”. Este projeto objetivou promover a formação de “Agentes Jovens de SAN”, fundamentando-se na premissa do protagonismo juvenil. A metodologia adotada foi a realização de Oficinas de Literatura de Cordel com adolescentes e jovens da Educação Básica e da Educação de Jovens e Adultos (EJA) do município de Alfenas e outros da região, bem como a apresentação de um espetáculo teatral, elaborado a partir de textos trabalhados e/ou cordéis criados nas oficinas. A avaliação realizada ao final das oficinas demonstrou que essa proposta metodológica é uma válida estratégia para estimular o protagonismo juvenil, tendo sido alcançados os objetivos propostos.

Palavras chave: Segurança Alimentar e Nutricional, Cultura Popular e Protagonismo Juvenil.

INTRODUÇÃO

A recente conquista de uma Lei Federal criando o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) representa a culminância de um amplo movimento pela garantia do Direito Humano à Alimentação Adequada e coloca em evidência a necessidade dessa temática ser abordada no contexto da construção da cidadania (BRASIL, 2006).

O Grupo Universitário Interdisciplinar e Itinerante pela promoção da Segurança Alimentar e Nutricional em parceria com Adolescentes- Guisado é uma ação de Extensão da Universidade Federal de Alfenas- UNIFAL-MG, que vem, desde o início de 2008, trabalhando em prol da formação de “Agentes Jovens de Segurança Alimentar e Nutricional (SAN)” - em diferentes contextos - e contribuindo, simultaneamente, para a formação acadêmica e cidadã de jovens universitários, fundamentando-se na premissa do “protagonismo juvenil” (COSTA, 1999).

Em 2009, o Guisado executou o projeto “Cidadania no Papel: Segurança Alimentar e Nutricional em Cordel”, com apoio financeiro do Programa de Apoio à Extensão Universitária em interface com a Cultura (PROEXT/Cultura) dos Ministérios da Cultura e da Educação. Em sua execução, contou com a parceria do “Grupo Mundo: Teatro Itinerante, Prazer em Conhecê-lo”, de Alfenas-MG, composto por jovens atores, atrizes e diretor teatral, em plena sintonia com a proposta do Guisado. Além de continuar contribuindo para a formação de universitários e de outros “Agentes Jovens de SAN”, esse projeto visou também divulgar e incentivar a valorização da Cultura Popular, em especial o Teatro e a Literatura de Cordel. A idéia inicial era trabalhar com adolescentes dos Ensinos Médio e Fundamental. A ampliação da ação do projeto junto a turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA) foi motivada pelo interesse em problematizar também com essas pessoas aspectos fundamentais da SAN, reconhecendo-se que muitas delas vivenciaram, na infância e adolescência, uma condição socioeconômica que acarretou o abandono escolar, em geral, associando-se a situações de insegurança alimentar e nutricional, e, ao ingressarem na EJA, considera-se que já “deram o primeiro passo” para a emancipação social e política, podendo tornar-se sujeitos de mudanças, tanto no âmbito familiar, quanto assumindo também o papel de protagonistas sociais.

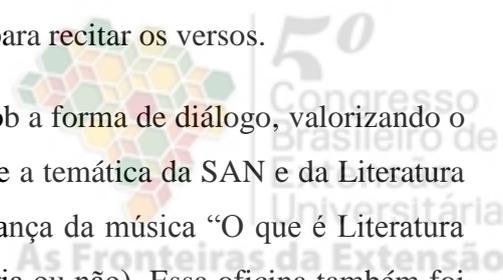
MATERIAL E METODOLOGIA

A metodologia proposta para implementação do projeto constituía-se por: (1) realização de Oficinas de Literatura de Cordel com os adolescentes e jovens da Educação Básica e da EJA, nas quais eles seriam estimulados a criar textos em cordel, abordando a temática da SAN e (2) montagem de um espetáculo teatral, a partir de cordéis sobre SAN - de autores conhecidos e agregando-se também as criações dos adolescentes – o qual foi apresentado em escolas parceiras e em outros locais e/ou circunstâncias que se fizeram oportunos.

Para estabelecimento de um “canal de comunicação” com possíveis escolas e/ou professores, promoveu-se o “Curso para professores parceiros na formação de Agentes Jovens de Segurança Alimentar e Nutricional: Literatura de Cordel e Teatro como proposta metodológica”, oferecido, gratuitamente, a todos os interessados das redes pública e privada de Alfenas e região. Os participantes desse curso, bem como os diretores das respectivas escolas, foram, posteriormente, contatados para a concretização da parceria. Propôs-se a eles realização de uma oficina pré-espetáculo, junto a seus alunos, a partir de um material elaborado pela equipe. Solicitou-se que essa oficina fosse realizada, preferencialmente, na semana anterior à apresentação na escola, para despertar a motivação em relação ao tema e, sobretudo, oportunizar a criação de cordéis a serem eventualmente incluídos no espetáculo.

Após a oficina realizada pelos professores, o grupo visitou a escola para a realização da apresentação teatral e da oficina pós-espetáculo. O espetáculo intitulado “Pãofogehomemmigraçadêlei?” (o nome e a grafia propositalmente inusitados justamente para instigar curiosidade e reflexão), contou com cenário, figurinos, músicas, vinhetas, adereços e textos complementares de introdução e finalização do espetáculo de forma que houvesse uma comunhão entre a didática e a arte, objetivando levar até eles um teatro inteligente, simples e lúdico. Para incluir as criações dos adolescentes no espetáculo, a alternativa encontrada foi encerrá-lo com uma ciranda em que eles – ou os integrantes do elenco os representando – seriam chamados ao centro para recitar os versos.

As oficinas pós-espetáculo foram conduzidas sob a forma de diálogo, valorizando o compartilhamento de idéias/experiências variadas sobre a temática da SAN e da Literatura de Cordel, com descontraídos momentos de canto e dança da música “O que é Literatura de Cordel” e com a leitura de cordéis (de autoria própria ou não). Essa oficina também foi



uma oportunidade para discussão/avaliação do espetáculo e criação - individual ou coletiva - de mais cordéis sobre SAN.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Durante a execução do projeto, o espetáculo teatral foi apresentado não só nas escolas parceiras, mas também em eventos e locais que se fizeram oportunos, totalizando 14 apresentações e 7 escolas visitadas.

Algumas delas foram marcantes, como a Escola Estadual Padre José Grimminck, primeira escola a ser visitada e que serviu como “piloto” para execução nos locais posteriores. Nessa escola, os cordéis elaborados pelos adolescentes já haviam sido enviados previamente à equipe do projeto, sendo que três deles foram selecionados, recitados ao final do espetáculo e seus autores convidados para participar da ciranda final.

A Escola Estadual Judith Vianna, apesar de ter reunido o menor público para assistir ao espetáculo – em função da apresentação ter ocorrido em um sábado não letivo - teve iniciativas interessantíssimas, como ter preparado, com antecedência, uma apresentação de dança pelos adolescentes, incluindo uma deficiente auditiva, a partir da música “O que é Literatura de Cordel?”, a qual foi traduzida para a Linguagem Brasileira de Sinais (LIBRAS).

A Escola Estadual Brasil, localizada no município vizinho de Varginha, possibilitou a primeira experiência com uma turma de EJA, com destaque para a presença especial de um genuíno poeta popular nordestino. Por meio da diretora da escola, que havia participado do curso, a equipe teve acesso, previamente, a uma apostila contendo mais de 60 cordéis criados por este poeta (Josenilson de Oliveira, de 54 anos), o qual foi homenageado ao final da apresentação do espetáculo.

Outra experiência com EJA se deu em uma escola da periferia de Belo Horizonte. A oficina pós-espetáculo foi realizada com a “turma da alfabetização”, cuja professora já vinha trabalhando o tema da alimentação saudável e - após ter feito o contato e recebido os materiais do projeto – incorporou também a Literatura de Cordel, incentivando a criação coletiva de dois poemas pela turma, os quais foram enviados previamente à coordenadora do projeto, decorados por integrantes do elenco e recitados ao final da apresentação. Dessa experiência, destaca-se a fala de uma aluna, que, aos 74 anos, ao se esforçar no preenchimento do formulário de avaliação solicitado ao final da oficina, expressou seu

sincero sentimento a uma das integrantes do Guisado: “Queria escrever tanta coisa para vocês, que pena que ainda não consigo...”.

A última atuação também teve rico significado para todos os envolvidos na execução do projeto, pois foi realizada na Solenidade com o Ministro do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, Patrus Ananias, ocorrida no dia 10 de dezembro, na Fundação Educacional de Machado. Foi extremamente gratificante poder compartilhar a idéia do projeto com o representante máximo do órgão do governo federal responsável pela Política Nacional de SAN. Ainda mais considerando o incentivo dado pelo Ministro o qual, também escritor e grande apreciador das manifestações artístico-culturais, declarou à plateia que o projeto o havia feito “retornar à infância, no Norte de Minas, já que os primeiros textos que leu foram os cordéis clássicos” e que “nesses tempos de indigência cultural, estamos precisando mesmo de iniciativas como esta, senão a TV vai ‘empastelando’ todo mundo”.

CONCLUSÕES

Analisadas em conjunto, as experiências relatadas configuram uma bela teia de vivências, aprendizados, intercâmbios, parcerias, superações, enfim, da mais pura “arte de viver e aprender”. O objetivo de promover a discussão sobre o tema SAN por meio da Literatura de Cordel, foi seguramente alcançado e confirma-se como uma válida estratégia para estimular o protagonismo juvenil. Como mais um produto do projeto – ainda que não previsto na proposta inicial e ainda em fase de estruturação - é importante citar a decisão de organizar uma publicação com os melhores cordéis selecionados dentre os criados nas oficinas, que servirá como registro e divulgação do trabalho realizado e será doada à biblioteca das escolas parceiras.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 11.346, de 15 de setembro de 2006.** Cria o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (SISAN) com vistas em assegurar o direito humano à alimentação adequada e dá outras providências. Brasília, 2006.

COSTA, A. C. G. O adolescente como protagonista. In: BRASIL. Ministério da Saúde. **Caderno Juventude, Saúde e Desenvolvimento.** Brasília: Secretária de Políticas de Saúde. Área de Saúde do Adolescente e do Jovem, v.1, 1999.p. 75-9.

GUIA MIRIM DO JARDIM DAS FLORES DE ANGICOS: OFICINA RELACIONADA AO POTENCIAL TURÍSTICO DA CIDADE JUNTAMENTE COM O RESGATE CULTURAL.

Orientadora: ERIAMA DE A. HACKRADT

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE (UFRN)

Jéssica Rafaela Boaventura Cortés¹; Hortência de Carvalho Feitosa².

¹ Estudante de Graduação em Turismo/UFRN; ² Estudante de Graduação em Ciências Biológicas/UFRN.

CULTURA

Resumo

O presente artigo tem como finalidade a mostra de como ocorre o funcionamento da oficina de Guia Mirim na cidade de Jardim de Angicos, localizado no Estado do Rio Grande do Norte. O projeto vem sendo realizado desde Setembro de 2010 e tem data final em Março de 2012. As atividades ministradas são realizadas mensalmente com o apoio de outras áreas acadêmicas – além da área do Turismo - como as Ciências Biológicas e a Geografia, fortalecendo a aprendizagem dos alunos. Os participantes tem idades entre 8 (oito) e 15 (quinze) anos, favorecendo a dinâmica grupal já que apresentam bastante motivação pela busca do novo conhecimento. Dentro da oficina realizamos atividades de resgate cultural, como a valorização da sua própria cultura (Patrimônios históricos e ambientais e danças populares). No fim do ano realizamos um grande evento cultural, onde os Guias após um logo ano de aprendizagem, desenvolvem suas habilidades no guiamento dos visitantes e da população até o evento do Auto de Natal de Jardim de Angicos.

Palavras chave: Guia Mirim. Motivação. Interdisciplinar.

1. Introdução

O Guia Mirim é realizado dentro do Projeto: “Arte e cultura numa perspectiva sustentável” na cidade de Jardim de Angicos/RN. O projeto tem como finalidade a obtenção de melhorias na população local, que apresentam níveis preocupantes em relação à média de outros municípios. Assim a oficina de Guia Mirim tem como objetivo geral a propagação da cultural e dos atrativos locais, pra gerar na cidade e na população uma preocupação em relação ao seu desenvolvimento turístico, o qual tem grande potencial para atrair turistas. Fazendo assim com que a comunidade se sensibilize com os benefícios, como a geração de renda da população.

¹Estudante de Graduação em Turismo(UFRN)email:jessicarafinha1@yahoo.com.br

²Estudante de Graduação em Ciências Biológicas(UFRN)e-mail:hortencia-carvalho@hotmail.com

Juntamente com oficina de Guia temos a realização de uma atividade relacionada ao turismo cultural, onde ocorre a união entre a divulgação e propagação da cidade de Jardim de Angicos/RN, oferecendo aos participantes (crianças de 8 a 15 anos) uma visibilidade maior do seu potencial turístico. E favorecendo o seu interesse por sua cidade, valorizando a sua cultura que acaba sendo esquecida pela globalização. Termos como uns dos aspectos tornam-los bons cidadãos, que saiba respeitar-se e cuidar do seu patrimônio histórico e ambiental.

Material e Metodologia

Ao iniciarmos a oficina utilizamos dinâmicas de grupo para trabalhar e desenvolver a coletividade do grupo, mostrando aos participantes a importância de estar em grupo e respeitar os colegas que serão seus parceiros nessa atividade, para que possam tomar como base esse respeito entre ambos para dar uma boa qualidade no relacionamento com os visitantes, sendo bastante hospitaleiros, por mais que já possuam essa característica na cultura local.

Logo mais passamos temas referentes ao turismo para que possam ter um embasamento melhor, em relação ao aspecto histórico, ao turismo de aventura, religioso e cultural. Contamos com a participação de alunos de outras áreas acadêmicas, como Ciências Biológicas e Geografia, que oferecem um aprofundamento na área da fauna e flora, estabelecendo assim um conhecimento mais aprofundando já que a cidade tem o seu nome derivado de uma árvore da cidade. Assim os participantes da oficina realizam pesquisas de campo e apresentam essas pequenas tarefas para toda a turma, já desenvolvendo a comunicação com o público.

“A cultura – somatória de costumes, tradições e valores - é um jeito próprio de ser, estar e sentir o mundo, ‘jeito’ este que leva o indivíduo a fazer, ou a expressar-se, de forma característica”. Como afirma a Dra. Sonia Regina Rocha Rodrigues (Médica e Escritora). Assim, analisamos que a busca pelo conhecimento na própria cultura da cidade fortalece a atratividade, pois seus visitantes se encantam com o que verão e escutarão dos guias relacionados aos aspectos históricos da cidade. As atividades que pedimos aos alunos estão voltadas para “contação” das histórias contadas pelos moradores, para que eles possam obter conhecimento cultural, que é algo que tão rico nas cidades interioranas. Com isso observamos que o termo cultura, segundo Luft (2005), é *“conjunto de experiências humanas (conhecimentos, costumes, instituições, etc.) adquiridas pelo contato social e acumuladas pelos povos através dos tempos”* (p. 250). Dessa maneira percebemos que o Guia Mirim tem a função de resgatar a cultura e passá-la para os seus visitantes, já que a cidade apresenta uma história belíssima, entre elas uma das mais importantes sobre Alzira Soriano, a primeira prefeita da América Latina.

Juntamente com a oficina de Guia realizamos uma atividade do resgate cultural da cidade, a valorização das danças populares na região, que com o passar do tempo vem se extinguindo pela modernização da cidade e pela falta de incentivo da comunidade em preservar seus laços ancestrais. Assim, realizamos aulas de dança para as meninas e meninos participantes do Guia onde desenvolvem habilidades das danças folclóricas, a principal dança é o pastoril que sempre participou das manifestações populares da cidade. Trabalhamos com dinâmicas corporais, já que possuímos algumas atividades relacionadas a danças populares, e fazemos com que os alunos absorvam de

¹Estudante de Graduação em Turismo(UFRN)email:jessicarafinha1@yahoo.com.br

²Estudante de Graduação em Ciências Biológicas(UFRN)e-mail:hortencia-carvalho@hotmail.com

uma maneira clara e simples a tradição, mostrando a importância e beleza que o Pastoril possui.

Resultados e Discussões

No final do ano passado (dezembro de 2010) realizamos um evento Cultura o “Auto de Natal em Jardim de Angicos” onde foram os próprios alunos do guia mirim que realizaram a pesquisa sobre os aspectos históricos, e voltamos toda a história do nascimento do menino Jesus a cultura de Jardim de Angicos. No final da apresentação terminamos com apresentação do Pastoril.

Estamos capacitando os Guias Mirins para realizarmos um evento no final do ano juntamente com Auto do Natal de Jardim de Angicos, onde eles possam guiar os visitantes e a população local (antes da apresentação) em relação à história da cidade, para que tenham primeiramente um entendimento a respeito dos pontos turístico (como a Igreja de São João Batista) e logo após assistir o Auto de Natal, que será representado por eles próprios. Junto com a comunidade (com o grupo de Idosos e o Grupo de Jovens) que participam ativamente da parte artística (teatro e dança) e da confecção dos figurinos e acessórios para apresentação.



¹Estudante de Graduação em Turismo(UFRN)email:jessicarafinha1@yahoo.com.br

²Estudante de Graduação em Ciências Biológicas(UFRN)e-mail:hortencia-carvalho@hotmail.com



Conclusão

A satisfação que obtemos a cada nova oficina realizada é totalmente gratificante, tanto na área acadêmica como na pessoal, vencendo as dificuldades que a cidade apresenta, e colocando em prática tudo aquilo que aprendemos em sala de aula é de extrema importância. Nos sentimos as “melhores pessoas do mundo” quando ouvimos que depois de nossa ida e estadia na cidade conseguimos mudar a vida das pessoas, principalmente de Jovens e crianças. Como hoje em dia já existem jovens que fizeram parte da oficina de Guia e se encontram em universidades. Não tem nada melhor que saber que com o pouco que oferecemos se tornou tão grande para eles, e para nós participantes do projeto nos sentimos totalmente satisfeitos e orgulhosos do que está acontecendo na cidade de Jardim de Angicos.

A principal função da Oficina de Guia Mirim é torná-los Guias, mas também é torná-los cidadãos de valores, que aprendam além de tudo que a educação e o respeito são as coisas mais valiosas que temos. Assim, a atividade formara guias de qualidade e com valores culturais próprios, já que aprendem a valorizar a sua cultura, que é tão valiosa. No final do ano, no evento cultural, onde ocorre o guiamento dos visitantes e apresentação do Auto de Natal em Jardim de Angicos, realizaremos uma celebração

¹Estudante de Graduação em Turismo(UFRN)email:jessicarafinha1@yahoo.com.br

²Estudante de Graduação em Ciências Biológicas(UFRN)e-mail:hortencia-carvalho@hotmail.com

onde será entregue um certificado de Guia Mirim, tornando oficializada a sua aprendizagem.

Referências

Artigonal. A Importância Do Contexto Cultural Para A Cidadania.. Disponível: <http://www.artigonal.com/educacao-artigos/a-importancia-do-contexto-cultural-para-a-cidadania-913310.html> . Acesso em 01 de Julho de 2011.

Gonçalves, Marília; Azevedo, Júlio. **Descobrimo os Jardins: A Riqueza dos Atrativos Turísticos e os Talentos Desvendados numa Oficina de Guia Mirim.** Cidadania e sustentabilidade: desafios, caminhos e soluções. (CNEU).2010.

Qdivertido.com.br. A Importância da Cultura na Formação do Cidadão.Disponível:<http://www.qdivertido.com.br/verartigo.php?codigo=57>. Acesso em 01 de Julho de 2011.



¹Estudante de Graduação em Turismo(UFRN)email:jessicarafinha1@yahoo.com.br

²Estudante de Graduação em Ciências Biológicas(UFRN)e-mail:hortencia-carvalho@hotmail.com

LIMITES E POSSIBILIDADES DA 1ª MOBILIZAÇÃO DE CULTURA E LAZER DE SERITINGA, MINAS GERAIS COMO EXPRESSÃO DO ENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO PARA AS PRÁTICAS DE TURISMO DE BASE LOCAL

Cultura

Villela, Luciana Bittencourt

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

Villela, Luciana Bittencourt¹; Carvalho, Bruno dos Santos²; Pironi, Natália de Paula³; Castro, Thomas Gomes Sant'ana de⁴.

RESUMO

O presente artigo visa apresentar os limites e possibilidades da 1ª Mobilização de Cultura e Lazer de Seritinga como expressão do envolvimento comunitário, uma vez que este evento representou uma ação do Projeto de Extensão Turismo Comunitário em Seritinga que tem como premissa a inclusão e participação efetiva dos atores sociais em todas as etapas do processo de promoção do turismo no município. Neste sentido, foi pensado um evento que promovesse a participação comunitária por meio de atividades educativas e recreativas, visando uma maior integração dos seritinguenses com a proposta do Projeto. Para isso, foram desenvolvidas oficinas com temáticas variadas e voltadas à realidade municipal, bem como ao fomento do turismo local. Além disso, foram realizadas as atividades “Cinema na Praça” e “Domingão Animado da Criançada” com o objetivo de envolver as crianças e adolescentes. Os resultados dessa iniciativa demonstram o desafio do envolvimento comunitário nas ações de extensão, sendo ainda incipiente a participação, especialmente dos adultos, pois demanda envolvimento e comprometimento. As mudanças necessárias à implantação de práticas turísticas mais sustentáveis requerem que os atores sociais sejam capazes de atuar e transformar a realidade, mas para isso, é necessário que estes se encorajem e se lancem para novas possibilidades, o que nem sempre ocorre, devido ao receio premente frente às inovações.

PALAVRAS-CHAVE: Turismo Comunitário, Participação Social; Seritinga.

INTRODUÇÃO

Podemos definir desenvolvimento de base local como um processo de transformação estrutural viabilizado pela potencialização dos recursos materiais e simbólicos presentes no território. Resulta em diversas ações conjugadas que visam suplantar a dependência e a inércia socioeconômica que incidem sobre os municípios, especialmente, de pequeno porte. Essas ações devem ser construídas numa perspectiva coletivista que considere, antes de tudo, as particularidades do município. Tal reflexão é referendada por Pires (2003) ao afirmar que o

¹ Professora Assistente do Departamento de Turismo da UFJF e coordenadora geral do Projeto de Extensão Turismo Comunitário em Seritinga – lucianabittencourt_ufjf@yahoo.com.br

² Graduando do Curso de Turismo da UFJF e bolsista do Projeto de Extensão Turismo Comunitário em Seritinga – carvalho.bsc@gmail.com

³ Graduanda do Curso de Turismo da UFJF e bolsista do Projeto de Extensão Turismo Comunitário em Seritinga – nataliappironi@yahoo.com.br

⁴ Graduando do Curso de Turismo da UFJF e bolsista do Projeto de Extensão Turismo Comunitário em Seritinga – thothogomes@gmail.com

desenvolvimento local pode ser definido como um processo endógeno de mudança, que leva ao dinamismo econômico e à melhoria da qualidade de vida da comunidade em pequenas unidades territoriais e agrupamentos humanos.

Apesar dos municípios, em princípio, conhecerem suas realidades nem sempre possuem a técnica para transformar esse conhecimento em estratégias de desenvolvimento. Neste sentido, os projetos de extensão universitária têm como objetivo oportunizar a inclusão desse conhecimento técnico, instrumentalizando esses grupos sociais. Além disso, a participação das universidades tem como objetivo aprimorar seu papel social, proporcionando a docentes e discentes diferentes experiências no campo profissional e pessoal.

Neste sentido, o Projeto de Extensão Turismo Comunitário em Seritinga tem como finalidade implantar ações que visam fortalecimento e o desenvolvimento local do município através das práticas do turismo de base comunitária, uma vez que, este último, abre espaço para que os atores sociais busquem formas de se beneficiarem dos resultados desse processo, pois promove o associativismo através de organizações comunitárias, construindo um modelo de desenvolvimento mais justo e equitativo (CORIOLANO, 2003).

A atuação direta dos atores sociais deve ser vista como uma forma de acesso à cidadania. Contudo, para a construção da cidadania, a organização social e a participação política devem estar associadas à superação das desigualdades socioeconômicas. Neste sentido, as ações do referido Projeto pressupõe, em todas as etapas, o envolvimento direto ou indireto da comunidade seritinguense.

Para isso, foram pensadas diferentes estratégias e metas para a execução do Projeto, desde diagnósticos socioeconômicos à constituição de organizações associativas, passando pela (...) capacitação e qualificação dos atores locais, associados direta e indiretamente ao turismo, para que estes possam atuar na transformação da realidade e pelo fomento da equidade e inclusão social através de ações de lazer e cultura (...). Neste sentido, foi realizada, como iniciativa do Projeto de Extensão, a 1ª Mobilização de Cultura e Lazer de Seritinga que será apresentada de forma mais detalhada no item posterior.

1ª MOBILIZAÇÃO DE CULTURA E LAZER DE SERITINGA

O município mineiro de Seritinga, localizado a 327 km da capital Belo Horizonte pertence ao Circuito Turístico Montanhas Mágicas da Mantiqueira e tem sua economia baseada na pecuária leiteira. Com base nos questionários domiciliares aplicados tanto na zona rural, quanto urbana, e em observações de campo foi constatada a carência de qualificação profissional

dos seritinguenses aplicáveis a diversos setores da economia, bem como quanto às opções de lazer e entretenimento ofertadas à população.

Com o objetivo de iniciar o suprimento de tais necessidades foi realizado na Escola Municipal a 1ª Mobilização de Cultura e Lazer de Seritinga que teve como objetivo qualificar o público adulto através de oficinas de temas variados, além de promover o lazer infanto-juvenil.

Para a elaboração e execução do referido evento, várias ações foram implantadas, as quais serão apresentadas a seguir:

1ª DISCUSSÃO DA PROPOSTA: A equipe do projeto se reuniu com representantes da escola municipal com a finalidade de discutir os temas para as oficinas, bem como a infraestrutura a ser disponibilizada para a realização das oficinas, do domingo animado da criançada e do show de talentos infantil. Posteriormente, foi acertado com a prefeitura municipal o fornecimento da infra-estrutura para a realização da divulgação e do cinema na praça.

2º DIVULGAÇÃO DO EVENTO: A divulgação do evento foi realizada através de cartazes afixados nos estabelecimentos comerciais, panfletos distribuídos aos alunos da escola, além de chamadas feitas com megafone pelas ruas e abordagens diretas à população. (ANEXO I E II)

3º EVENTO – 1º DIA: No primeiro dia do evento, foram ofertadas ao público adulto cinco oficinas com carga horária de duas horas para cada uma, sobre os temas (i) Turismo Rural em Pequenas Propriedades; (ii) Lazer e Recreação: Teoria e na Prática; (iii) Leite: Qualidade e Economia; (iv) Produção Associada ao Turismo: Artesanato; e (v) Qualidade no Atendimento. Essas oficinas foram ministradas por docentes e discentes voluntários da Universidade Federal de Juiz de Fora e também do Instituto de Laticínios Cândido Tostes, e por isso, foi possível ofertar as oficinas de forma gratuita. Todo o custeio para a execução das atividades foi financiado pela Prefeitura Municipal e pela Universidade.

Essas oficinas foram pensadas para atender diferentes públicos, e para isso foi considerado o perfil socioeconômico do município associado ao campo, especialmente à pecuária leiteira, o número representativo de artesãos identificados no diagnóstico geral, a carência de qualificação no atendimento do comércio em geral, especialmente naqueles voltados ao atendimento do visitante e também, da necessidade apontada pela Escola no que tange ao trabalho de lazer e recreação para jovens e crianças.

Após cada oficina, os participantes responderam a um questionário de satisfação e sugestões. O gráfico abaixo demonstra o resultado das pesquisas referentes às cinco oficinas ofertadas.

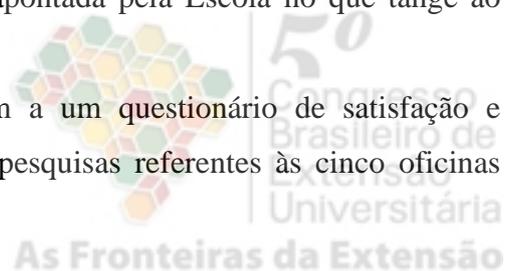
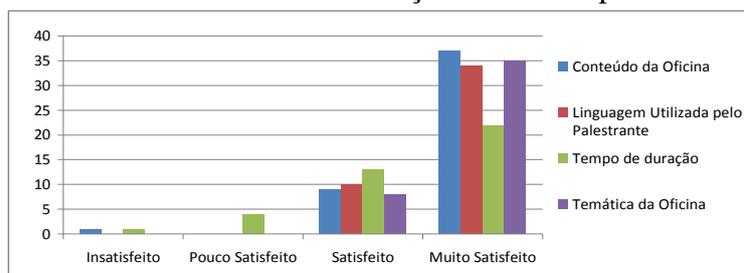


Gráfico I - Satisfação dos Participantes



Fonte: Projeto Turismo Comunitário em Seritinga

Como podemos observar a maioria dos participantes avaliou de forma positiva as oficinas que foram disponibilizadas. Porém, cabe ressaltar que o número de participantes ficou aquém das expectativas, uma vez que, é reivindicação da população a oferta de cursos de capacitação profissional.

Posterior às oficinas, foi realizada uma sessão de Cinema na Praça com o filme “Os Sem-Floresta”. Esta mostra foi motivo de confraternização para expectadores de todas as idades. Para a exibição do filme, a equipe do Projeto contou com o apoio da Escola e da Prefeitura Municipal, que contribuíram por meio do empréstimo de materiais como projetor de imagens, tenda, equipamento áudio-visual e divulgação do evento.

4º EVENTO – 2º DIA: No segundo dia do evento foi realizado no ginásio da Escola Municipal o “Domingão Animado da Criançada” direcionado ao público infantil, aonde foram realizadas diversas atividades recreativas e distribuição de brindes.

Além disso, foi realizado o “1º Show de Talentos” que contou com apresentações de músicas, danças, contadores de história e teatro. Ao final, foram distribuídas medalhas aos participantes e um troféu para o primeiro lugar, que neste caso, foi conquistado por dois alunos do ensino fundamental.

Foto I – Domingão Animado da Criançada



Fonte: Projeto Turismo Comunitário em Seritinga

Ao final do evento, pudemos constatar a necessidade de outras iniciativas referentes tanto às oficinas, quanto as atividades de lazer infantil. Foram várias manifestações sobre a

importância da continuidade dessa proposta, como pode ser observada nas falas dos participantes das oficinas: “Sugiro que não desistam das oficinas na nossa região, orientando o povo que eles podem explorar mais suas propriedades”; “Trabalhar mais atividades práticas. Se possível fazer uma oficina com atividades para sala de aula”; “ Fornecer cursos de artesanato” (Pesquisa de Satisfação, 2011).

Estes relatos somente reforçam a importância da iniciativa, mas identificamos alguns pontos que necessitam de reavaliação para a próxima edição.

CONCLUSÃO

Neste momento, faremos uma avaliação dos limites e possibilidades do envolvimento da comunidade de Seritinga no que tange a 1ª Mobilização de Cultura e Lazer. Como possibilidades, podemos destacar: (1) o comprometimento por parte da Escola e Prefeitura Municipal no que se refere a oferta de infra-estrutura; (2) o envolvimento de um número relevante de jovens e crianças nas atividades programadas; (3) o grau elevado de satisfação dos envolvidos com as oficinas; e como limites (1) baixa participação dos adultos, especialmente aqueles residentes na zona rural; (2) a programação das atividades em função dos compromissos profissionais do público-alvo, visando ampliar a participação; (3) precariedade da infra-estrutura para a realização das atividades, especialmente com as crianças e jovens e (4) oferta de cursos mais específicos, com maior carga horária.

Com base nestas informações, concluimos que o envolvimento da comunidade seritinguense nas ações apresentadas mostra-se incipiente, frente ao número de pessoas atendidas pela mobilização. Entretanto, cabe ressaltar que aqueles que participaram se mostraram engajados e dispostos a novas iniciativas, incentivando a realização de mais eventos com este caráter. Cabe ao Projeto fortalecer este envolvimento, implementando ações mais frequentes, visando a incorporação cada vez maior de novos atores ao processo de desenvolvimento das bases para o turismo de base comunitária.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORIOLOANO, L.N.M.; LIMA, L.C. **Turismo comunitário e responsabilidade socioambiental**. 1ª edição. Ceará: EDUECE, 2003.

PIRES, M. O. *A perspectiva do desenvolvimento sustentável*: In: LITTLE, P. E. (org.). **Políticas Ambientais no Brasil**. São Paulo, Petrópolis, 2003.



MEMÓRIA SOCIAL: O TRABALHO DE RECONSTRUÇÃO DO PASSADO A PARTIR DAS VIVÊNCIAS DO PRESENTE

ÁREA TEMÁTICA: Cultura

RESPONSÁVEL PELO TRABALHO: Maria Aparecida Resende Ottoni

INSTITUIÇÃO: Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

AUTORES: Maria Aparecida Resende Ottoni¹; Gerson de Sousa²; Maria Cecília de Lima³; Lorraine Cássia Silva de Oliveira⁴; Thaís Rodrigues Martins⁵

RESUMO: Neste artigo, apresentamos os resultados parciais do projeto de extensão “Narrativas de vida: a constituição identitária de idosos”, que é parte do programa “Conexões de Saberes: diálogos entre a universidade e as comunidades populares”, desenvolvido na Universidade Federal de Uberlândia, por professores dos cursos de Letras e de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo e por alunas do curso de Pedagogia. Nosso objetivo é dar voz a idosos, internos em uma instituição de longa permanência (ILP), possibilitando-lhes um espaço para contar suas histórias de vida, percorrendo uma trajetória que lhes permita, no reviver de lembranças e reminiscências, pensar sobre o vivido num processo que envolve passado, presente e perspectivas para o futuro. Para alcançá-lo, utilizamos como método de coleta de dados a história oral. Participaram da ação 13 idosos que residem em uma Instituição de longa Permanência em Uberlândia (MG). Buscamos, com o trabalho, contribuir para o fortalecimento identitário do idoso e do grupo. Acreditamos que, ao contar sua história e ao ser ouvido, o idoso está socializando conhecimento outrora vivido e suas memórias podem enriquecer a experiência de vida dos participantes do projeto: idosos, alunos e professores. Os resultados mostram que as histórias de vida dos idosos constituem uma representação da sociedade e da realidade e

¹ Doutora em Linguística; professora do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia; coordenadora do projeto NARRATIVAS DE VIDA: A CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA DE IDOSOS. cidottoni@gmail.com. Agradeço o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), para participação no 5CBEU.

² Professor da FACED/UFU. Subcoordenador do projeto.

³ Professora do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia. Subcoordenadora do projeto.

⁴ Graduanda do Curso de Pedagogia da FACED/UFU. Bolsista do Programa Conexões de Saberes.

⁵ Graduanda do Curso de Pedagogia da FACED/UFU. Bolsista do Programa Conexões de Saberes.



que conhecê-las pode possibilitar à sociedade uma reflexão sobre a vivência em uma ILP, sobre as identidades dos internos, sobre o processo de envelhecimento do outro e de si mesmo e sobre vários problemas vivenciados na sociedade contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: Idosos; memória social; identidade

INTRODUÇÃO

Neste artigo, apresentamos os resultados do projeto de extensão intitulado “Narrativas de vida: a constituição identitária de idosos”, que é parte do Programa “Conexões de saberes: diálogos entre a universidade e as comunidades populares”, desenvolvido na Universidade Federal de Uberlândia e aprovado em junho de 2010, pelo edital nº 11/MEC/SECAD/2009.

Desenvolvemos o trabalho com 13 idosos internos em uma instituição de longa permanência (ILP). Nosso objetivo foi dar voz a esses idosos, possibilitando-lhes um espaço para contar suas histórias de vida, para serem ouvidos e para trocarmos saberes, a fim de fortalecer a identidade do idoso e do grupo com o qual trabalhamos.

Como resultado final do trabalho, produzimos um livro e um vídeo-documentário para os idosos com as histórias de vida contadas por eles.

MATERIAL E METODOLOGIA

Nosso projeto de extensão foi desenvolvido em uma Instituição de Longa Permanência de Uberlândia, cujos idosos internos participam da ação extensionista “Saúde bucal e geral das pessoas que se encontram no processo de envelhecimento”, desenvolvida no Hospital Odontológico da Universidade Federal de Uberlândia e coordenada por uma professora da Escola Técnica de Saúde da UFU (ESTES).

Dos 54 idosos internos, 13 aceitaram participar de nossa ação extensionista, após ouvirem a exposição de nosso projeto.

No período de setembro de 2010 a março de 2011, foram realizados encontros quinzenais, com os idosos, individuais e/ou coletivos, na instituição onde residem. Cada encontro teve a duração de 2 horas e todos aconteceram às 6as feiras, à tarde, por serem estes o melhor dia e o melhor horário para os participantes da ação e para a instituição.

Esses encontros foram gravados em vídeo e o material transcrito para a produção do livro e de um vídeo-documentário, com as histórias de vida dos idosos. Esses produtos

da ação representam uma valorização dos idosos, de seus dizeres, de suas memórias e histórias. Por isso, foram doados aos participantes e à instituição.

Como método de coleta de dados, utilizamos a história oral (MEIHY, 1996) por meio da qual os idosos narraram suas histórias de vida.

O objetivo do trabalho com história oral é investigar como o sujeito, ao narrar sua história de vida, posiciona-se diante da mudança social e de si mesmo. Ao considerar a tensão e o conflito como ponto inerente ao movimento social, os testemunhos dos velhos abrem a possibilidade de entender outras histórias com base na consciência que se tem no presente.

Conforme afirma Sousa (2008, p. 30), por meio de um trabalho com história oral, valoriza-se a emoção do não-dito, do até então indizível e se cria uma “oportunidade ‘sagrada’, uma escuta”, que possibilita ao idoso

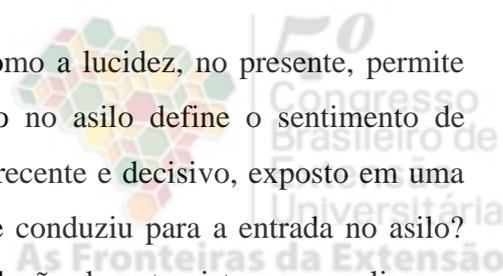
exteriorizar o sentimento negado por longo tempo, frustrado no cotidiano pelo sistema. O depoimento oral se alicerça naqueles valores negados pela racionalidade: o choro, o sorriso, a pausa emotiva para agarrar as forças no momento em que se define como o ideal para reiniciar a luta, até então restringida estrategicamente ao campo interno, a consciência do passado no presente. (SOUSA, 2008, p. 30).

Nessa perspectiva, compreendemos a memória não como um simples resgate do passado, mas como “a reconstrução do indivíduo, por meio de seu capital cultural, como sujeito histórico” (SOUSA, 2008, p. 28).

Nesse processo de reconstrução dos indivíduos participantes e de (re)construção de suas identidades, todos nós – idosos, professores e alunos - nos dispusemos a ceder um tempo de nossas vidas para ouvirmos e para sermos ouvidos. Os idosos contaram-nos suas histórias de vida, ouviram nossas histórias, riram e choraram conosco.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os depoimentos de idosos no asilo revelam como a lucidez, no presente, permite contextualizar a história de vida. O cotidiano vivido no asilo define o sentimento de pertencimento social e provoca o mergulho num fato recente e decisivo, exposto em uma questão subjetiva: qual foi o principal motivo que me conduziu para a entrada no asilo? Essa foi uma das perguntas feitas aos idosos na condução da entrevista para analisar as



preocupações atuais. As respostas revelam um quadro do conflito social. O casamento dos outros irmãos e a morte dos pais definem o estado de “separação” da família que não se pode mais ser substituído. As dificuldades de conviver com a filha, a falta de respeito do filho que não tem mais paciência de conviver com o pai, a morte do marido, a queda com fratura deixando esses sujeitos em condições de dependência integram os testemunhos dos idosos.

A memória revela que a infância não foi uma fase tranquila e a fase adulta teve de ser construída com luta e sacrifício. A mudança no sentido de pensar a vida passou também pela realização do casamento. As falas dos idosos nem sempre buscam mais a expressão de ser feliz. A paz e o amor na relação a dois deixa de ser processo natural para acentuar como fase especial. Como suportar a descoberta, depois de um ano de viver feliz o casamento, que a esposa era alcoólatra? Qual o sentimento de enumerar hoje o número de maridos que precisou sepultar? E como medir a expressão da mulher cuja felicidade se estampa ao lembrar com saudades do marido que foi bom para a sua vida?

Em todas as exposições, a emoção dos idosos revela a dimensão de serem sujeitos. Homens e mulheres trabalham na construção de suas vidas pela memória: as suas felicidades, frustrações, temores, enganos, saudades, tristezas não podem ser tratados como aspecto encerrado no mundo do próprio sujeito. Os testemunhos revelam as próprias incoerências da sociedade na qual eles continuam mergulhados. Ao mergulhar na rotina impessoal do asilo, ao romper com a representação dos idosos, o trabalho com história oral permite identificar os homens e mulheres presentes. E se a família de muitos irmãos se transfigurou nos dias atuais no álbum de fotos, é porque em toda a história de vida desses sujeitos, o próprio conceito de família está questionado em seu significado. O isolamento desses homens e mulheres revela suas fraquezas e sensibilidades, mas mostra como a emoção, em vez de mergulhá-los na passividade existencial, os conduz, mesmo no silêncio, a um efusivo questionamento de si e de outro.

CONCLUSÕES

A importância desta ação extensionista está em elucidar o trabalho com memória social por meio de testemunhos de idosos internos em Instituições de Longa Permanência. Dar voz àqueles pouco ouvidos significa humanizar as relações e possibilita a estratégia



política de rever o passado, perceber a importância da reflexão do presente para articularmos um futuro ao qual certamente toda a sociedade chegará.

Esse importante diálogo entre passado e presente constitui-se em trocas culturais que fazem do reviver da vida um modo de fortalecer identidades, tornando a vida de cada um dos idosos internos mais significativa. É o momento em que o indizível, aquele silêncio pulsante no interior de cada idoso, faz-se dizível para as novas gerações, uma vez que há pessoas que se interessam pelas suas histórias de vida.

A materialização dos conflitos vivenciados pelos idosos está em um vídeo-documentário e em um livro produzidos com as histórias de vida. Por meio desses produtos, pretendemos enriquecer os debates relativos à história oral como proposta teórico-metodológica relevante para os trabalhos com memória e cultura na sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS

BOSI, Eclea. **Memória e Sociedade: lembrança de velhos** 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

GIGLIO, Zula Garcia & VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. A arte de recriar o passado: História Oral e Velhice bem -sucedida. In: **Desenvolvimento e Envelhecimento – perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas**. Campinas (SP): Papirus, 2001.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

POLLAK, Michel. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, nº 10, 1992, p. 200-215.

_____. **Memória, Esquecimento e Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

PORTELLI, Alessandro. **Forma e significado na História Oral. A pesquisa como um experimento em igualdade**. Revista do programa de estudos pós-graduados em História, PUC-SP, n. 14, fev. 97.

_____. **O que faz a História Oral diferente**. Revista do programa de estudos pós-graduados em História, PUC-SP, n. 14, fev. 97.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos Oraís: do indizível ao dizível. IN: SIMSON, Olga de Moraes von (Org.). **Experimentos com histórias de vida**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1988.

SOUSA, Gerson de. **Memória e velhice: entre a imaginação na arte de contar histórias e a emoção ano narrar a história vivida**. 2008. 244f (+ anexos). Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo, São Paulo.